



JUVENTUDES NO BRASIL

GUIA DE DIRETRIZES, ESTRATÉGIAS
E BOAS PRÁTICAS DE
INVESTIMENTO SOCIAL PRIVADO PARA
E COM AS JUVENTUDES NO BRASIL

Sumário

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL2

INTRODUÇÃO NA VOZ DOS JOVENS4

COMO O GUIA ISPJ FOI ELABORADO?6

QUEM PARTICIPOU DO GUIA ISPJ7

POR QUE UM GUIA DE ISP PARA E COM AS JUVENTUDES?8

INVESTIGAR, APROFUNDAR E TRANSFORMAR O ISP PARA E COM JUVENTUDES EM CINCO DIMENSÕES10

PONTOS CRÍTICOS PARA INVESTIGAR, APROFUNDAR E TRANSFORMAR O ISP12

1

O ISP e a experiência de vida dos jovens: EVIDÊNCIAS14

INSIGHTS16

2

O ISP e o território: EVIDÊNCIAS20

INSIGHTS22

3

O ISP e a diversidade de gênero e raça: EVIDÊNCIAS24

INSIGHTS28

4

O ISP e os recursos: EVIDÊNCIAS32

INSIGHTS34

5

O ISP e as políticas públicas: EVIDÊNCIAS38

INSIGHTS40

POR ONDE COMEÇAR A INVESTIGAR, APROFUNDAR E TRANSFORMAR SUA ORGANIZAÇÃO NO INVESTIMENTO EM JUVENTUDES – Quadro síntese44

A P R E S E N T A Ç ÃO 3 I N S T I T U C I O N A L

Larissa da Silva Fontana

Secretária Executivado Em Movimento

Mathaus Torres

Coordenador Estratégico do Em Movimento

Representando o Grupo Gestor do

Guia de Investimento Social Privado

para e com Juventudes

A população brasileira alcançou, no ano de 2020, a marca da maior população jovem da história, o que também faz chegarmos ao chamado “bônus demográfico”: quando atingimos o ápice da população economicamente ativa no país. Esse momento histórico é considerado crucial para transformarmos o futuro do Brasil pois apresenta uma janela de oportunidades - de investimentos, de transformação social, de novos protagonismos sociais e inovação política - que só pode ser aproveitada se as juventudes estiverem no centro desse debate, como força motriz da construção de uma sociedade mais justa para todas as gerações que a compõe.

Essa janela, em contrapartida, tem data pra acabar. Em um intervalo de 12 anos, (2010-2022), a população idosa cresceu mais de 57% segundo o Censo do IBGE, alcançando o número de mais de 22 milhões de pessoas com mais de 65 anos. Em poucas décadas, 1 em cada 4 brasileiros terá 65 anos ou mais, segundo o Atlas das Juventudes (2021). Estamos passando por uma transição geracional que terminará com um Brasil mais envelhecido, o que nos requer reflexões importantes: Como preparamos o mercado de trabalho? Como preparamos os setores de previdência social? Como pensamos num crescimento e envelhecimento saudável e digno para todas as pessoas?

Isso também nos alerta de que não há tempo para adiar as transformações sociais necessárias para construir um país justo para as juventudes brasileiras, uma população que se encontra num caminho árido e sem muita perspectiva de futuro. As grandes tragédias climáticas vividas no Brasil nos últimos anos, o fantasma da fome e miséria que voltam

a aparecer, a falta de renovação política no Congresso Nacional e outros tantos problemas complexos que não têm perspectiva de resolução, fragilizam ainda mais o acesso dos jovens aos direitos básicos e sua participação social, impedindo seu desenvolvimento pleno e restringindo sua contribuição socioeconômica e política à marginalidade: empregos informais e precarizados, violência, evasão escolar e subrepresentação política são algumas das realidades que nossa juventude vem enfrentando.

Com essas provocações e a partir das experiências de diferentes atores e atrizes que trabalham com juventudes há anos, a Rede Temática de Juventudes do GIFE resolveu construir um material que tem o potencial não só de informar com evidências, dados e ações inspiradoras para a tomada de decisão, mas também de construir perspectivas para ação do Investimento Social Privado na mitigação das desigualdades no investimento social sobre juventudes.

Você poderá encontrar reflexões acerca dos desafios para o investimento efetivo em juventudes a partir de diferentes dimensões como experiência de vida dos jovens, território, diversidade, recursos e políticas públicas, considerando experiências diversas e organizando *insights* muito valiosos para transformar esse campo e impulsionar o impacto dos investimentos sociais privados a partir das juventudes. Insistimos: em nossa perspectiva, investir em juventude é pensar um investimento com impactos e resultados intergeracionais. Se o jovem está inserido num núcleo familiar e virá a construir o seu próprio, são as condições com que ele fará isso o que buscamos discutir. Qual o papel do investimento social privado no desenvolvimento pleno dessa trajetória? Esse guia começa a responder essa importante e urgente questão.

INTRODUÇÃO NA VOZ DOS JOVENS

Eu me chamo Matheus Gastão, nasci e fui criado na periferia de São Paulo. Ao longo dos meus 24 anos de vida, observo que, para o jovem sobreviver aqui, é necessário contrariar as estatísticas, como já nos diziam os Racionais MC's. Para nós, jovens de comunidades, andar na rua é enfrentar um holocausto urbano que nos silencia; a rua passa a se tornar um lugar de disputa pela vida e, como diz Nega Gizza, "Tudo que eu não queria era morrer como indigente."

Por conta disso, ao longo da minha jornada, decidi atuar em ONGs e coletivos com projetos para jovens. O grande momento de ruptura na minha vida aconteceu quando entrei na Universidade de São Paulo e percebi que precisava retribuir para a minha comunidade tudo aquilo que ela havia me proporcionado.

Herdamos uma conjuntura de catástrofes e ebulição climática. Quem sabe o jovem de décadas atrás saiba nos dizer o que era respirar um ar puro, ver a passagem das estações, olhar para o futuro e projetar seus netos. Como diz Facção Central, "o homem estragou tudo."

Vejo isso como um problema global. K Dot, rapper norte-americano, por exemplo, diz que, quando jovem, acreditava que morreria anônimo, cheio de promessas, no caminho de casa ou por ser acusado injustamente. A juventude preta e pobre na periferia sente a insegurança de um amanhã distante. Parafraseando Negra Li, a dor e o sentir dos jovens não são levados a sério, "a maior malandragem do mundo é viver".

As questões de gênero nos mostram o constante aumento do feminicídio e dos crimes contra as jovens do país, sobretudo mulheres negras da periferia. Como diz Tássia Reis: "Numa sociedade machista, as oportunidades são racistas. São dois pontos a menos pra mim. É difícil jogar quando as regras servem pra decretar o meu fim."

Optei por iniciar a introdução a este Guia com um tom realista, utilizando citações de músicas e poesias. A ideia, caro leitor, é te provocar a refletir: quem são esses jovens? O que eles sentem? Afinal, as letras não transbordam completamente nossas dores, mas nos ajudam a aguçar a empatia. O primeiro passo para ser guiado a estratégias para atuar com jovens é se conectar e entender as múltiplas realidades vivenciadas pelas juventudes; por isso, tratamos das juventudes, e não da juventude no singular.

Este guia foi elaborado para apresentar os desafios, as demandas e os impactos que podem nortear o investimento social privado voltado para as juventudes. Você será apresentado a propostas construídas coletiva e intergeracionalmente por especialistas, gestores de organizações investidoras e um grupo gestor diverso, do qual faço parte, como um dos jovens que participou dessa construção. As dimensões e os temas abordados foram trabalhados com o olhar atencioso que este momento nos pede.

Convido você a ler este guia com atenção e afeto. As juventudes são diversas e querem ser investidas de responsabilidades. Embora a conjuntura sufoque, a juventude do Brasil ainda resiste e luta por dias melhores no futuro. Para a grande maioria dos jovens, esta pode ser a grande chance que gerações sonharam em viver, como diz a poeta Gabriela Paixão:



**ELES TÊM
PRECONCEITO
E JULGAM
SÓ FALAM
SEM CONHECER
POR ISSO QUE
NÓS VAMOS
JUNTOS
MOSTRAR
TODO O NOSSO
PODER.**



COMO O GUIA ISPJ FOI ELABORADO?

Este Guia foi encomendado pela Rede Temática de Juventudes do GIFE (RT Juventudes) como um material ágil e sintético, que pudesse congregiar aprendizados acumulados pelas organizações da Rede, de modo a ampliar a visão do investimento social privado (ISP) para e com juventudes, no sentido de indicar as transformações necessárias para que a agenda de juventudes possa avançar entre os associados GIFE. Sua elaboração aconteceu entre janeiro e outubro de 2024, envolvendo um diálogo contínuo com o grupo gestor do *Guia ISPJ*, em um processo que incluiu análise documental; entrevistas com cinco especialistas, incluindo jovens; entrevistas com gestores de sete organizações associadas; sempre privilegiando a construção colaborativa do *Guia ISPJ* com os representantes da Rede.

GRUPO GESTOR

As decisões e caminhos para o *Guia ISPJ*, assim como as validações periódicas foram feitas com o grupo gestor composto pela equipe do GIFE, por coordenadores da RT e outros representantes do grupo, além de dois jovens ativistas pelos direitos das juventudes, que não pertencem aos associados GIFE, buscando assegurar representatividade juvenil.

ANÁLISE DOCUMENTAL

Com base na análise dos principais documentos que são referências para a RT Juventudes, que serão citados ao longo do Guia, elaboramos uma lente sistêmica para construir uma visão comum sobre como avançar nas relações entre o ISP e as juventudes, priorizando cinco dimensões – experiências de vida, territórios, diversidade, recursos e políticas públicas – e detalhando os pontos críticos destas, que precisam de maior atenção do ISP para atrair investimentos. Essas cinco dimensões não são as únicas que permitem analisar sistemicamente o ISP para e com juventudes. Elas foram escolhidas como

essenciais pela sua recorrência nos estudos e discussões que têm pautado a Rede. Seu valor para este Guia está em serem abordadas não mais como perspectivas separadas sobre juventudes, mas de forma articulada e sistêmica, como uma lente que permite um olhar integrado para um desafio multifacetado e complexo: o desenvolvimento pleno das juventudes no Brasil.

ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS

Em cada dimensão escolhemos um especialista com lugar de fala, experiência e conhecimento para compartilhar seu posicionamento nos pontos críticos que desafiavam, hoje, as relações entre o ISP e as juventudes. Reunimos um grupo diverso de pessoas, do ponto de vista de idade (incluindo jovens negros e periféricos), território (extrapolando o eixo Sul-Sudeste), gênero e raça/cor. Esse grupo surpreendeu na convergência e sinergia das contribuições, como se estivessem juntos em torno de uma mesa, trazendo diferentes ângulos sobre nosso problema, de modo extremamente alinhado ao objetivo maior do *Guia ISPJ*: Explorar as necessidades de transformação do ISP, de modo a ampliar o alcance e impacto de seus esforços em favor de juventudes ainda pouco contempladas por esses investidores ou por políticas públicas. Uma grande maioria de pessoas jovens, negras, mulheres e periféricas que permanecem à margem das soluções, inovações, políticas, programas ou projetos sociais.

ENTREVISTAS COM GESTORES DAS ORGANIZAÇÕES INVESTIDORAS

Os posicionamentos elaborados pelos especialistas foram sistematizados e submetidos ao crivo de seis lideranças de organizações investidoras que problematizaram e ampliaram as perspectivas sobre o investimento em juventude no Brasil, à luz de suas experiências e seus lugares institucionais, cujos insumos foram fundamentais para pensarmos esse Guia e seus pontos de vista de forma consistente e viável.

QUEM PARTICIPOU DO GUIA ISPJ:

Desenho e elaboração

Simone André – Especialista em Juventudes | Transverso Assessoria

Grupo Gestor

Ana Rosa Cyrus – Representante jovem
Carla Francischetti – United Way Brasil | Juventudes Potentes
Cristiane Stefanelli – Fundação Educar
Kênia Cardoso – Fundação Tide Setubal
Larissa Fontana – Em Movimento
Marcelo Bentes – Fundação Roberto Marinho
Mariana Resegue – Em Movimento
Mathaus Torres – Em Movimento
Matheus Gastão – Representante jovem
Nayara Bazzoli – United Way Brasil | Juventudes Potentes
Rafaela Canela – Fundação FEAC
Ricardo Batista – GIFE
Gustavo Bernardino – GIFE
Aline Rosa – GIFE
Andréa Almeida – GIFE

Especialistas

Gabriel Medina – Políticas públicas
Gelson Henrique – Território
Karina Penha – Diversidade de gênero e raça
Laura Boeira – Experiência de vida dos jovens
Viviane Naigeborin – Recursos

Gestores

Caio Callegari – Instituto Unibanco
Cristiane Stefanelli – Fundação Educar
Jair Resende – Fundação FEAC
João Alegria – Fundação Roberto Marinho
Mariana Almeida – Fundação Tide Setubal
Mathaus Torres – Em Movimento
Nayara Bazzoli – United Way | Juventudes Potentes

POR QUE UM GUIA DE ISP PARA E COM AS JUVENTUDES?

O Brasil tem cerca de 49 milhões de jovens [a], cujos direitos estão expressos no Estatuto da Juventude, o marco legal que desde 2013 norteia as políticas públicas a esse público em nosso país. Contamos, ainda, com a força do Investimento Social Privado (ISP), que atribui às juventudes um lugar central. Os jovens de 15 a 29 anos são o grupo etário priorizado por 45% das organizações associadas ao GIFE. [b]

Esses esforços e engajamento, por entes públicos e privados, são conquistas que sinalizam o reconhecimento da potência das juventudes para transformar um país. Mas são também alavancas para que possamos fazer mais. Por isso, a pergunta que direciona o *Guia de Investimento Social Privado para e com Juventudes (Guia ISPJ)* é: “O que é preciso transformar no ISP para que os esforços de priorização das juventudes melhorem efetivamente a vida de todas as juventudes, em sua diversidade?”

De fato, há muito o que fazer para consolidar os direitos das juventudes, especialmente aquelas com experiências de vida atravessadas por marcadores sociais de desigualdades quanto a gênero, raça, território e condição socioeconômica. Trata-se de um dilema do país que ninguém irá resolver sozinho. Por isso, já não basta que cada um faça ao seu modo a sua parte. Se queremos ir mais longe e chegar nas juventudes que estão às margens do alcance do ISP e até das políticas públicas, propomos um primeiro passo: repensar o próprio ISP.

O *Guia ISPJ* quer contribuir para apoiar transformações no ISP, começando por reaproximá-lo das juventudes de forma sistêmica, considerando as **experiências de vida**, seus **territórios** e **diversidades** dos jovens do Brasil, além de propor caminhos para superar inconsistências nos **recursos** investidos e indicar rumos para uma composição articulada, autêntica e efetiva desses investimentos com **políticas públicas**.

+ SAIBA MAIS

[a] Juventudes e Trabalho • [b] Censo GIFE 2022/2023

UM GUIA PARA TRANSFORMAR O INVESTIMENTO SOCIAL PARA E COM JUVENTUDES



Essa é uma iniciativa da Rede Temática de Juventudes do GIFE, com o objetivo de construir uma visão comum entre os associados e todos os interessados em dar efetividade aos esforços e recursos para concretizar direitos das juventudes. Para tanto, o *Guia ISPJ* coloca em pauta cinco aspectos sistêmicos da relação entre o investimento social privado e as juventudes, como pontos de partida para serem investigados, aprofundados e transformados em nossos cotidianos de atuação.

INVESTIGAR, APROFUNDAR E TRANSFORMAR O ISP PARA E COM JUVENTUDES EM CINCO DIMENSÕES



Considerar integralmente a **experiência de vida dos jovens** – com a riqueza de seu potencial e suas singularidades – e as barreiras estruturais que enfrentam na afirmação plena de seus direitos a saúde, educação, trabalho, diversidade, segurança, cultura, comunicação, território, meio ambiente e participação nas decisões que os afetam.

Investir nos **territórios** geográficos onde as juventudes vivem, resistem, criam e constroem soluções, fortalecendo serviços públicos, cadeias produtivas, organizações periféricas e iniciativas lideradas por jovens, além de promover a articulação entre os atores locais e agentes estratégicos para potencializar iniciativas territoriais.

Agir afirmativamente em relação à **diversidade de gênero, raça e território**, tendo em vista a interseccionalidade que afeta as juventudes, não somente para desafiar preconceitos, mas para abrir espaços autênticos de participação nas estruturas organizacionais e em projetos voltados a juventudes.

Assegurar que o investimento de **recursos** financeiros, bem como de apoio técnico, em iniciativas para e com juventudes seja ampliado, descentralizado, desburocratizado, transformador e inclusivo, chegando efetivamente aos jovens vulnerabilizados e promovendo a participação deles nas instâncias de decisão sobre onde e como investir.

Fortalecer as **políticas públicas** de juventude, compondo com o poder público no enfrentamento dos desafios juvenis, e advogando junto a decisores públicos para a priorização do conjunto de políticas voltadas às juventudes, além de incentivar a participação social de lideranças juvenis nos processos de tomada de decisão e nas estratégias de defesa de seus direitos.



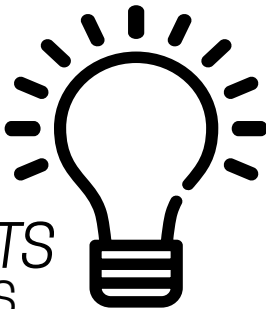
PONTOS CRÍTICOS PARA INVESTIGAR, APROFUNDAR E TRANSFORMAR O ISP

As cinco dimensões escolhidas para este *Guia ISPJ* não são as únicas, porém são essenciais na discussão sobre como o ISP pode contribuir mais e melhor com as juventudes. Reunimos evidências, insights, inspirações e perguntas em pontos críticos de cada dimensão, como bússola técnica para investigação, aprofundamento e transformação da atuação no ISP voltado às juventudes.



EVIDÊNCIAS
QUE SUSTENTAM
OS DIFERENTES
PONTOS DE VISTA.

Inspirações
DE QUEM PENSOU
OU FEZ DIFERENÇA.



INSIGHTS
SOBRE OS
ASPECTOS
A SEREM
APRIMORADOS.

PERGUNTAS
PARA COMEÇAR
A INVESTIGAR,
APROFUNDAR E
TRANSFORMAR O ISP.



PONTOS
CRÍTICOS PARA
TRANSFORMAR
O ISPJ





O ISP E A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS *EVIDÊNCIAS*

O Guia ISPJ propõe abordar a experiência de vida dos jovens, a partir da afirmação plena de seus direitos à saúde, educação, trabalho, segurança, cultura, comunicação, território, meio ambiente e participação nas decisões que os afetam, seguindo os eixos propostos no Estatuto da Juventude. Apesar de todos os esforços do ISP, os jovens, sobretudo os mais pobres, negros, mulheres e periféricos, ainda enfrentam barreiras estruturais para usufruir esse conjunto indissociável de direitos básicos. Vamos apontar alguns aspectos críticos na experiência de vida das juventudes, que demandam que o ISP considere uma lente de equidade para equilibrar os marcadores sociais que atravessam as experiências juvenis.

Somos um país jovem, desigual, negro e marcado pelo racismo.

O ISP prioriza educação e trabalho, com menos investimento nos demais direitos das juventudes

■ As organizações com investimento anual superior a 50 milhões de reais e aquelas que investem de 10 a 50 milhões de reais empregam a maior parte de seus recursos em educação formal (38% e 17%, respectivamente).

■ Organizações com investimento anual de até 10 milhões de reais concentram a maior parte de seus recursos em inclusão produtiva, empreendedorismo e geração de renda (16%). [d]

61% DOS **49 milhões** DE JOVENS SÃO NEGROS. [b]

13 milhões (60%) DOS MAIS POBRES SÃO NEGROS. [a]

17 milhões DOS **49 milhões** DE JOVENS SÃO POBRES (equivalente a rendimentos de até US\$ 6,85 por dia). [a]

Os esforços em EDUCAÇÃO E TRABALHO, apesar de significativos, ainda não alcançam os jovens que mais precisam.

■ **9.8 milhões (20%) de jovens estão fora da escola**, 7 em cada 10 saíram antes do Ensino Médio. Desses, 7 milhões (70%) são negros. [a]

■ **19.8% dos jovens de 15 a 17 anos estão atrasados**, ainda no Ensino Fundamental. 72% são negros. [a]

■ Apenas **4 em cada 10 estudantes concluem o ensino médio na idade correta**. Entre os pretos, são 3 em cada 10 e indígenas, 2 em cada 10. [c]

■ Depois do ensino médio, só **8% dos estudantes cursam técnico** de nível médio. [b]

■ **10,8 milhões (22%) dos jovens de 15 a 29 anos não estudam nem trabalham**. 7,2 milhões são negros. [a]

■ Em 2019, **2 em cada 5 jovens** em idade de trabalhar estavam **desempregados** ou trabalhavam em **empregos que não pagavam o suficiente** para superar a pobreza. [b]

SEGURANÇA E MEIO AMBIENTE são direitos ainda pouco priorizados no ISP, apesar de vitais para as juventudes periféricas.

■ Em 2023, **78% das vítimas de violência letal eram negros** e 49% eram jovens até 29 anos. Esses jovens também são mais de 72% das vítimas de policiais. [e]

■ Em 2019, **67% das pessoas presas eram negras**, a maioria, jovens periféricos. No sistema

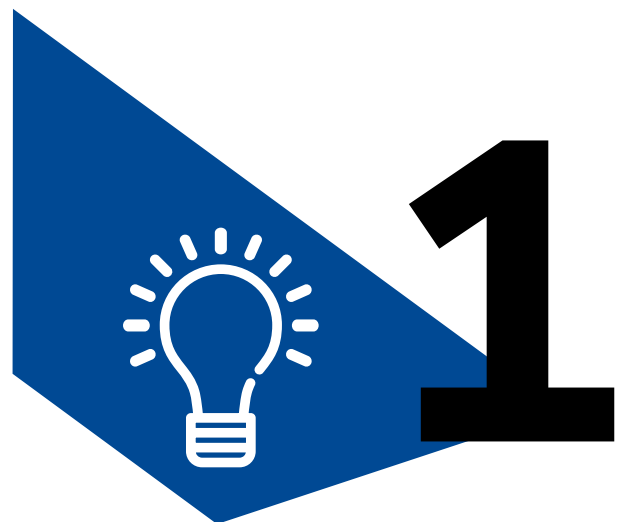
socioeducativo, 56% dos adolescentes em regime de internação ou semiliberdade eram negros. [b]

■ **24% dos jovens brasileiros indicam que meio ambiente é um tema relevante** para ser discutido pela sociedade, no mesmo patamar que educação e futuro profissional (25%) ou racismo (25%). [b]

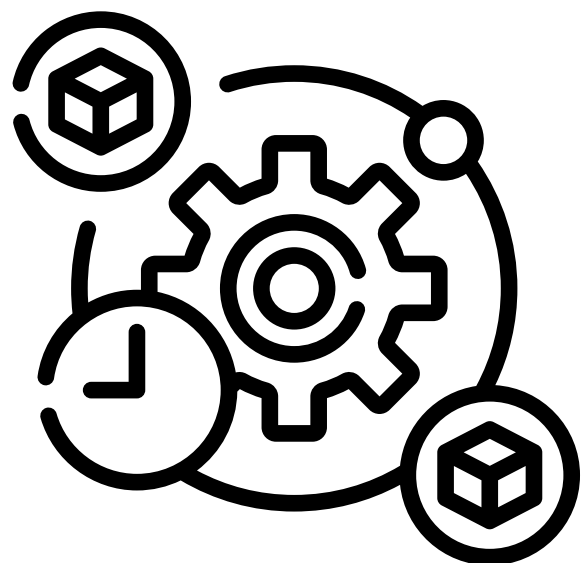
■ Impactos ambientais também têm gênero, cor e lugar. A **falta de acesso** à energia, água, habitações e saneamento básico são, também, consequências de um **racismo estrutural** que ganha expressão ainda maior com os desafios do clima. [b]

SAIBA MAIS

[a] Juventudes e Trabalho ■ [b] Atlas da Juventude ■ [c] Indicador de trajetórias educacionais ■ [d] Censo GIFE 2022/2023 ■ [e] Anuário brasileiro de segurança pública

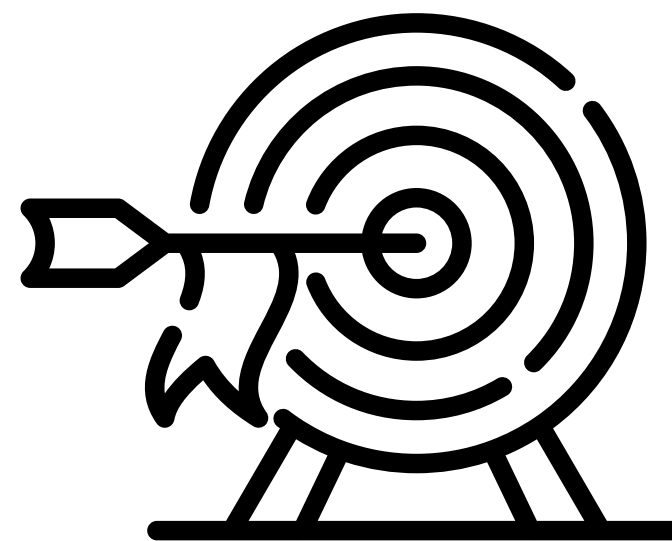


O ISP E A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS *INSIGHTS*



ATUAR COM JUVENTUDES REQUER UMA LENTE SISTÊMICA, INTERSETORIAL E DE EQUIDADE

Abordar de forma excessivamente focalizada as experiências juvenis leva o ISP a uma priorização isolada e pouco estratégica de direitos, impedindo de olhar as juventudes em primeiro plano, com toda sua complexidade, com uma lente sistêmica, intersetorial e também de equidade. Equilibrar as profundas desigualdades entre as juventudes com esse tipo de lente envolve considerar as experiências juvenis incluindo seus contextos (gênero, raça, território, status socioeconômico, território), as políticas públicas voltadas a eles (ou a ausência delas), as redes de suporte comunitário, as influências culturais, ambientais, políticas, econômicas e tecnológicas que moldam essas experiências. Esse olhar permite soluções mais integradas, colaborativas e sustentáveis, criadas a partir das causas subjacentes aos desafios enfrentados pelos jovens. Essa abordagem reconhece a agência dos jovens e valoriza a potência de suas intervenções, promovendo seu engajamento ativo nas soluções e fortalecendo os sistemas de suporte ao seu redor.



O ISP PRECISA TER MAIS INTENCIONALIDADE AO BUSCAR INCLUIR JOVENS VULNERABILIZADOS

A escolha estratégica da maior parte do ISP de apoiar as trajetórias juvenis na educação básica e/ou na preparação para o trabalho e geração de renda é relevante, no entanto, ainda não alcança os jovens mais marginalizados, cujas experiências de vida estão atravessadas por desigualdades de raça, gênero, status social e território. O apoio a esses jovens – que além de serem maioria, são as pessoas que mais precisam do ISP – requer considerar, nas estratégias de investimento, o conjunto de direitos a serem assegurados para que possam efetivamente acessar oportunidades de educação e trabalho, fazendo escolhas que permitam seu desenvolvimento ao longo da vida. Quando não incidimos nas condições que obrigam jovens negros a lidar com barreiras muito maiores que os demais, inclusive para chegarem à vida adulta, reforçamos as estruturas que os impedem de sobreviver e projetar suas histórias de vida.

Inspirações

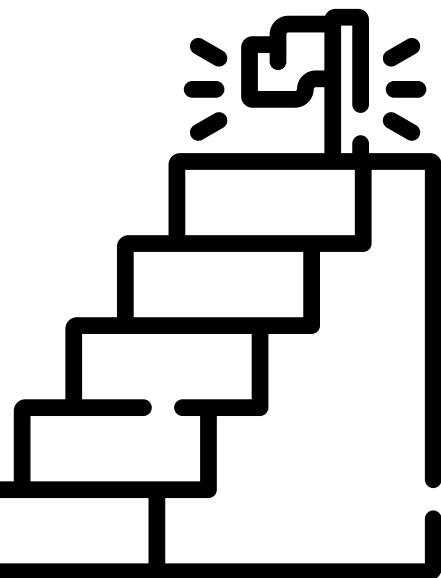
GRUPO DE ENGAJAMENTO DE JUVENTUDE DO G20 (Y20)

Realizado oficialmente desde 2010, o Y20 é reconhecido como um dos fóruns de mais alto nível de influência internacional e um dos mais importantes do mundo na temática de juventudes. O Y20 é um dos grupos de engajamento do G20 Social, uma construção inédita da presidência brasileira no G20, em 2024. O Y20 tem como objetivo principal incluir jovens no debate do fórum, em temas como: o combate à fome, à pobreza e à desigualdade; mudanças climáticas, transição energética e desenvolvimento sustentável; reforma do sistema de governança global; inclusão e diversidade, inovação e futuro do mundo do trabalho. Os debates geraram um documento que será entregue aos chefes de estado em novembro de 2024, na Cúpula de Líderes.



1 O ISP E A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS

INSIGHTS



FAZER AVANÇAR O ISPJ PASSA POR DESCONSTRUIR PREMISSAS, VIESES E NARRATIVAS QUE NÃO PERCEBEM O POTENCIAL DAS JUVENTUDES

A participação autêntica dos jovens em projetos de ISP voltados a eles inclui a disposição em investir nas juventudes como parte da solução e confiar nessa participação como abordagem tática de impacto:

- Desenhar as intervenções a partir das prioridades dos jovens e de seus contextos e não somente a partir do que o ISP identifica, unilateralmente, como necessário a eles. Para tanto, escutar os jovens é fundamental, mas não é suficiente.
- Investir em propostas que desenvolvam os jovens, apostando em intervenções entre pares, dando espaço e tempo para que suas ideias disruptivas emergjam, passem pelo crivo da viabilidade e amadureçam com erros; e confiar a eles áreas sensíveis dos projetos, como a concepção, a implementação e o orçamento.
- Criar espaços seguros para que os jovens com trajetórias educacionais irregulares, com menos experiências, mais expostos a violências possam se desenvolver e atuar como lideranças, em diferentes âmbitos: nas organizações investidoras, nos projetos, em cargos políticos e nas lutas pela afirmação de seus direitos.

Inspirações

ATLAS DAS JUVENTUDES

O Atlas das Juventudes é uma plataforma interseccional – que analisa como diferentes formas de opressão, discriminação ou desvantagem social se sobrepõem e interagem, criando experiências únicas de exclusão ou privilégio – que propõe uma visão sistêmica e intersetorial, considerando os direitos e políticas básicas necessárias para abordar a complexidade da experiência de vida das juventudes. Sua missão é “produzir, sistematizar e disseminar dados sobre as juventudes, para que sejam feitos os investimentos certos, da maneira correta e no tempo adequado para ativar o potencial da maior geração de jovens da história do país e, consequentemente, permitir o seu pleno desenvolvimento”. O Atlas não só fala de jovens, mas foi criado por eles e pessoas que trabalham com juventudes, envolvendo mais de 300 jovens, com diversidade racial e de gênero, de todas as regiões do país no seu processo de construção, trazendo quem são os jovens por trás dos dados. É uma iniciativa do *Em Movimento* e do *Pacto das Juventudes pelos ODS*.



GLOSSÁRIO

Equidade

Conceito que remete à justiça social, reconhecendo as diferenças entre as pessoas para oferecer tratamento diferenciado conforme suas necessidades específicas, para alcançar resultados mais justos e inclusivos. A adoção de uma lente de equidade leva à políticas e iniciativas que diferenciam afirmativamente pessoas e grupos sociais, conforme suas desigualdades, com o intuito de atingir um patamar de justiça social.

Interseccionalidade

Refere-se à ações coordenadas que considerem as múltiplas dimensões presentes em problemas complexos, criando respostas mais completas e integradas. Essa abordagem reconhece que muitos desafios enfrentados pelas juventudes são interconectados e exigem soluções que envolvem múltiplas áreas e esforços.



2 O ISP E O TERRITÓRIO EVIDÊNCIAS

É como “crias” dos territórios onde vivem que as juventudes constroem identidade social, pertencimento, capacidade de transformar realidades e de navegar por contextos para além de sua origem. No *Guia ISPJ* os territórios periféricos são compreendidos geograficamente pela oposição às centralidades urbanas, econômicas e políticas, identificando-se com as periferias urbanas e as regiões do país que são marcadas pela desigualdade socioeconômica e falta de serviços essenciais, moradia digna, mobilidade e infraestrutura. Ou, ainda, sociologicamente, como grupos sociais que estão à margem da sociedade dominante, muitas vezes com menos voz ou influência. Em todos os casos, são entendidos e valorizados como espaços de pertencimento e resiliência, constituídos pela potência das pessoas que, coletivamente, constroem soluções cotidianas para viver. Compreender e fortalecer os territórios com a potência dos jovens periféricos é tão importante para o ISP quanto articular esforços públicos e privados para não perpetuar desigualdades.

Somos um país composto por periferias jovens e racializadas.

60% dos jovens **DE 15 A 29 ANOS EM SITUAÇÃO DE POBREZA ESTÃO NO NORTE E NORDESTE.** [b]

O ISP precisa incluir um olhar territorial para alcançar jovens periféricos

■ A maioria das organizações associadas ao GIFE define a atuação em territórios a partir de critérios socioeconômicos (47%) e, também, com base na presença de unidades de negócios das empresas mantenedoras (41%). [d]

■ Territórios onde estão os remanescentes de quilombos e os indígenas têm atuação direta de apenas 10% e 7% das organizações de ISP, respectivamente. [d]

■ Cerca de 70% das organizações da RT Juventudes atua nas periferias de grandes centros urbanos. [e]

O ISP não conhece as iniciativas, os interesses e as prioridades dos que atuam em periferias.

■ **7 em cada 10 organizações investidoras estão na região Sudeste.** Parece haver uma distância entre as prioridades do ISP e os interesses das minorias políticas concentradas nas regiões Norte e Nordeste. [d] [a]

■ **90% das iniciativas sociais periféricas estão em grandes e pequenas cidades, nas áreas tradicionais indígenas, quilombolas e ribeirinhas.** 54% delas estão no Norte e Nordeste. [c]

As periferias contam com soluções comunitárias, criadas por jovens e negros periféricos.

■ **74% das organizações periféricas são lideradas por negros.** São “uma rede negra de coletivos e ações formadas por mulheres, sobretudo, jovens.” [c]

■ **78% dos atendidos por essa rede periférica de iniciativas pouco formalizadas são pessoas negras e,** majoritariamente, jovens de 18 a 30 anos (44%). [c]

As juventudes mais vulneráveis estão em territórios com pouca presença do poder público.

■ **As condições de segurança, moradia e saneamento são piores no Norte e Nordeste.** [f]

■ **Pessoas nas regiões pobres e marginalizadas morreram 15 vezes mais** por secas, enchentes e tempestades na última década. [g]

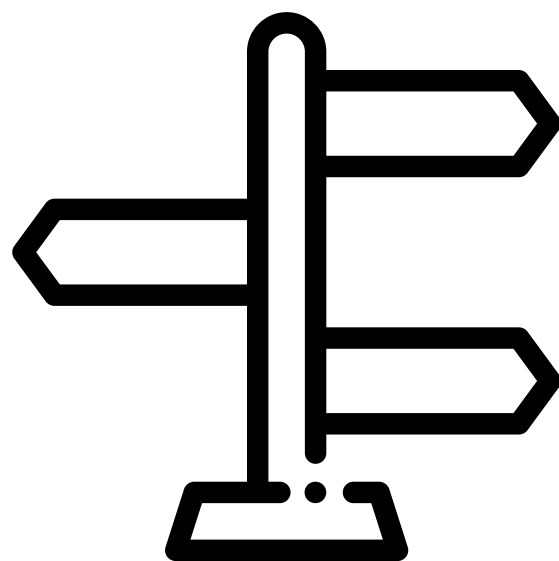
■ **7 em cada 10 escolas com melhor infraestrutura no Brasil são majoritariamente brancas e estão nas regiões Sudeste e Sul.** Enquanto que mais da metade de escolas com maioria de alunos negros não possuem infraestrutura adequada. [h]

+ SAIBA MAIS

[a] Guia das periferias para doadores ■ [b] Juventudes e Trabalho ■ [c] Periferias e filantropia ■ [d] Censo GIFE 2022/2023 ■ [e] Mapeamento do IS nas juventudes ■ [f] IBGE ■ [g] Periferias em Movimento ■ [h] Observatório da Branquitude



2 O ISP E O TERRITÓRIO INSIGHTS



AMPLIAR O OLHAR TERRITORIAL NO COMBATE ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS, EDUCACIONAIS E AMBIENTAIS IMPLICA EM IR ALÉM DOS INTERESSES DE NEGÓCIO

O ISP deixa a desejar em relação ao antirracismo quando não conhece os territórios periféricos, nem atua neles. A ausência ou a presença pouco efetiva do ISP nas periferias termina por reforçar o racismo estrutural. Ampliar o olhar territorial implica em priorizar locais de atuação a partir de critérios raciais, podendo atender aos interesses de negócio, mas indo além, favorecendo que as juventudes não-brancas que moram em regiões mais vulneráveis estejam efetivamente no centro do debate e das ações de ISP. O olhar territorial é fundamental quando a organização investidora atua com educação e/ou inclusão produtiva, que são direitos ainda menos assegurados a jovens periféricos, em especial, aqueles com marcadores sociais desafiadores.

OLHAR E FORTALECER OS TERRITÓRIOS A PARTIR DE SUA POTÊNCIA, COMO PROTAGONISTAS DAS MUDANÇAS

As soluções para a afirmação de direitos dos jovens passa pelos territórios periféricos, apesar de não se limitar a soluções comunitárias. E começam pela disposição para desafiar vieses, tais como pensar que as pessoas que estão nesses territórios – pobres, jovens, migrantes, não-brancos, mulheres etc. – precisam de apoio por serem parte do problema. Na verdade, são os modos de vida, a resistência e o protagonismo das pessoas periféricas que são potência e asseguram a sobrevivência e o desenvolvimento de suas juventudes e comunidades, mesmo em condições ainda muito desiguais. Nesse sentido, é preciso urgentemente que o ISP reconheça que as lideranças jovens, negras e periféricas têm um entendimento único do território, sendo a principal fonte para conhecer os territórios e atuar neles. Estudar as evidências científicas sobre os territórios periféricos é importante, mas não basta. É preciso contar com as pessoas do território, reconhecer suas experiências, visões, preferências, redes de apoio e caminhos intergeracionais para solucionar os problemas.



Inspirações

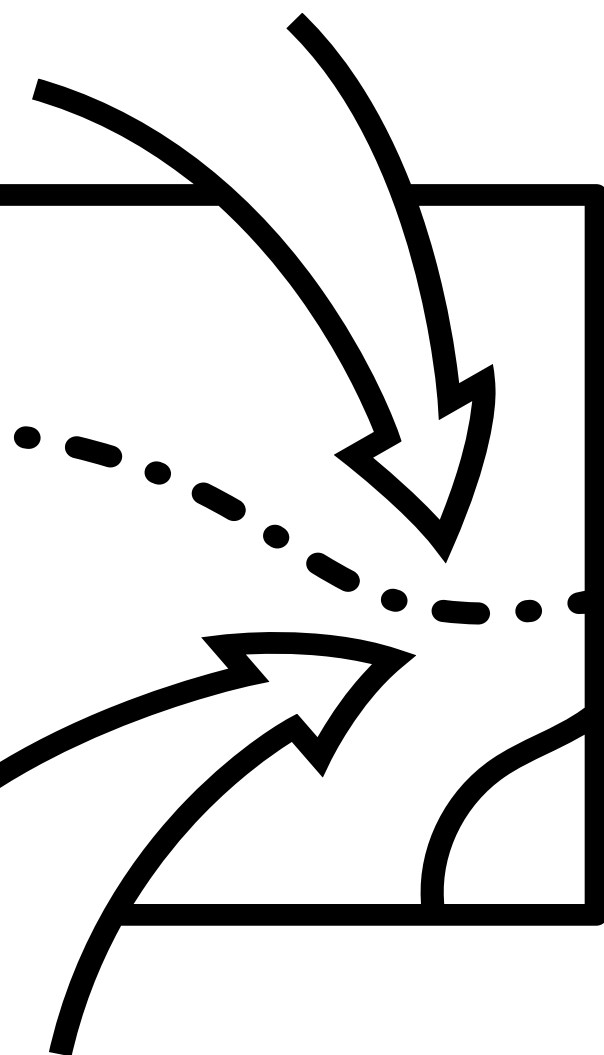
EDITAL SEMENTES DA AMAZÔNIA, DO GT DE JUVENTUDES DA REDE UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

O edital “Jovens Sementes da Amazônia” foi lançado pelo Grupo de Trabalho de Juventudes da rede Uma Concertação pela Amazônia, que reúne mais de 700 membros dos setores público, privado, academia e sociedade civil, engajados em buscar soluções para a conservação, o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das pessoas vivem nesse território. O Edital foi um passo importante para apoiar financeira e formativamente quatro organizações locais lideradas por jovens da Amazônia, que receberam um suporte financeiro de R\$ 15.000 para o desenvolvimento de seus projetos. O edital não só proveu os recursos necessários para a execução de projetos, mas também suporte e formação, fortalecendo a capacidade organizacional e de liderança das juventudes amazônicas.



2 O ISP E O TERRITÓRIO

INSIGHTS



COMPOR COM OS TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS PARA CONSTRUIR SOLUÇÕES ESCALÁVEIS EM PROFUNDIDADE

A busca de soluções em escala costuma ser um argumento para não se investir mais diretamente em pessoas e organizações periféricas, que têm uma atuação no tecido social local. Entretanto, é preciso reconhecer que atores periféricos, mesmo em pequena escala, têm um intangível maior, que é desenvolver conhecimento e ação perene no território, decisivos para a busca de escala em profundidade, sustentada pelos territórios periféricos. O ISP ganha um olhar territorial mais consistente quando:

- Fortalece as redes de iniciativas territoriais pouco formalizadas e menos estruturadas para receber apoio e demandar melhores condições nas periferias.
- Amplia seu raio de ação para além dos grandes centros no Sudeste, alcançando jovens, mulheres, negros, quilombolas, indígenas nas regiões Norte e Nordeste.
- Adota uma postura afirmativa em relação às juventudes periféricas, incluindo-as como parceiras das soluções do ISP, fortalecendo o pertencimento ao território e impulsionando a representatividade das periferias no ISP.

Inspirações

LUPA NA CIDADE - PAINEL DE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO DE ÁREAS URBANAS VULNERÁVEIS

O “Lupa na Cidade” orienta o combate às desigualdades socioeconômicas a partir do desenvolvimento do território com base em evidências, trazendo uma teoria da mudança robusta e detalhada, traduzida em um painel de fácil compreensão, que pode ser customizado para outras iniciativas interessadas em impactar as juventudes a partir de seus territórios. Foi desenvolvido pelo Insper Metricis – Núcleo para Medição de Impacto Socioambiental, sob o financiamento da Fundação Tide Setubal e do Itaú Social. Além de explicitar a abordagem de problemas críticos em áreas urbanas e suas vulnerabilidades, a plataforma do Lupa na Cidade mostra a aplicação e customização para o contexto específico do Jardim Lapena, bairro da zona leste da cidade de São Paulo, onde está situado o Galpão ZL, espaço de Prática de Desenvolvimento Local da Fundação Tide Setubal.



GLOSSÁRIO

Periferia

Na visão da Iniciativa Pipa, periferia é o lugar onde as populações historicamente marginalizadas resistem e produzem soluções com pouco, impactando o futuro de um país que pertence a negros, indígenas, mulheres e pessoas LGBTQIAP+. “Fomos nós, coletivos, organizações e movimentos periféricos do Brasil, quem lideramos a linha de frente para garantir que

nosso povo tivesse condições mínimas de sobrevivência.” (Relatório Periferias e filantropia). No Guia ISPJ, a noção de territórios periféricos inclui as periferias urbanas, as regiões do país com menor poder político e econômico, os espaços de vida e resistências de grupos sociais com menor atenção, influência e voz para afirmar seus direitos, como indígenas e quilombolas.



3

O ISP E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA

EVIDÊNCIAS

Gênero e raça, além do território, são marcadores sociais que vêm determinando, na prática, quais juventudes que são sistematicamente despriorizadas nas políticas públicas de maneira geral, mas também no ISP. É na interseccionalidade de gênero e raça que podemos perceber a sobreposição de fatores de exclusão que têm feito das mulheres negras, especialmente as jovens, a parcela da população brasileira mais afetada pelas desigualdades e exposta à violência simplesmente por serem mulheres. Além disso, estereótipos e preconceitos de gênero frequentemente limitam a profissionalização e influenciam as expectativas acadêmicas e de participação das mulheres nas decisões que as afetam.

Somos um país onde as jovens negras estão em maior desvantagem.

O ISP precisa incorporar uma lente de gênero e raça, tendo em vista as interseccionalidades

- 88% das organizações da RT Juventudes não fazem recorte específico para priorizar gênero e raça. [c]
- No total das organizações associadas ao GIFE, apenas 37% enfocam diretamente as mulheres ou meninas em suas ações finalísticas. [b]
- Nas organizações de ISP, a questão racial é tratada de forma muito mais transversal que direta pelos investidores sociais em seus projetos e programas (55%). [b]
- 56% dos jovens que atuam nas organizações da RT Juventudes estão em posição de estágio ou aprendiz. [c]

Elas ESTÃO **mais vulneráveis** À VIOLÊNCIA E POBREZA E TÊM AINDA **menos chances** DE CONCRETIZAR SEUS PROJETOS DE VIDA.

Mulheres e negros têm menor poder de decisão sobre recursos, políticas e estratégia no ISP.

- 81% dos Institutos e Fundações manifestaram não ter políticas para promover e ampliar a diversidade – de gênero, raça, pessoas com deficiência etc. – nos conselhos deliberativos e 55% não têm políticas de diversidade para suas equipes. [b]
- 68% das organizações investidoras têm maior participação de homens nos conselhos deliberativos. [b]
- Das 15 organizações com investimento anual maior que 50 milhões de reais, apenas uma tem conselho deliberativo paritário quanto ao gênero. [b]
- 26% dos conselhos deliberativos no ISP contam com pessoas negras entre seus membros. [b]

As jovens pretas ou pardas são mais afetadas pela violência doméstica e pelas desigualdades na educação, no trabalho e na renda.

- Em 2022, 28,9% de jovens mulheres não estudavam e não estavam ocupadas, quase o dobro dos homens, 15,9%. Elas tinham maior dificuldade na transição escola-trabalho a partir dos 18 anos, pois, apesar de estudarem mais que os homens, sua inserção no trabalho foi prejudicada, principalmente por responsabilidades domésticas. [d]
- A participação das mulheres na força de trabalho foi de 53,3%, enquanto a dos homens, 73,2%. Elas dedicaram quase o dobro de tempo aos trabalhos reprodutivos. Mulheres negras perdiam 1,6 hora a mais por semana nessas tarefas do que as brancas. [d]
- 23% das mulheres de 15 a 24 anos não estavam em treinamento, ocupadas ou buscando trabalho. Entre pretas ou pardas, 26,6%. Entre os homens, 14,6%. [d]
- A diferença entre a informalidade das mulheres negras (45,4%) e dos homens brancos (30,7%) chegou a 15 p.p. [d]
- A proporção de mulheres que afirmaram ter chance alta ou média de serem vítimas de violência sexual (20,2%) foi bem maior do que a de homens (5,7%). [d]

SAIBA MAIS

[a] Guia das periferias para doadores ■ [b] Censo GIFE 2022/2023 ■ [c] Mapeamento do IS nas juventudes ■ [d] IBGE



3 O ISP E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA

INSIGHTS



O ISP PRECISA CONTRIBUIR PARA UMA VISÃO AUTÊNTICA DE DIVERSIDADE

A diversidade de gênero e raça só é autêntica quando podemos celebrá-la como tal, caso contrário, tais marcadores se tornam deterministas em relação às desigualdades. Por isso, a abordagem de diversidade necessária passa não somente por desafiar os preconceitos e as barreiras enfrentadas pelas jovens negras, mas por distribuir poder de participação e decisão para jovens mulheres negras e periféricas nas iniciativas que são voltadas a elas e, indo além, nos quadros e nas instâncias decisórias das organizações investidoras.

É importante considerar, ainda, nas decisões que envolvem pluralidade nas equipes e em espaços de poder a internalização de mulheres com um conhecimento sólido sobre o contexto, as necessidades e as demandas periféricas.



AS DESIGUALDADES ENTRE QUEM INVESTE E QUEM ATUA NA PONTA NÃO PODEM SE PERPETUAR

Nos territórios periféricos, são as mulheres negras que estão à frente dos problemas sociais. No entanto, para que a precariedade da condição feminina não seja mais um motor das desigualdades que o ISP deseja superar, é preciso equilibrar as forças entre o ISP, que tem como objetivo maior fortalecer as juventudes desiguais, e essas mulheres que enfrentam cotidianamente os problemas das juventudes em casa, nas escolas, nas iniciativas sociais das periferias, em trabalhos voluntários. Esse equilíbrio de forças acontece ainda mais intencionalmente quando a liderança feminina é reconhecida, valorizada e incentivada, começando dentro das organizações investidoras.

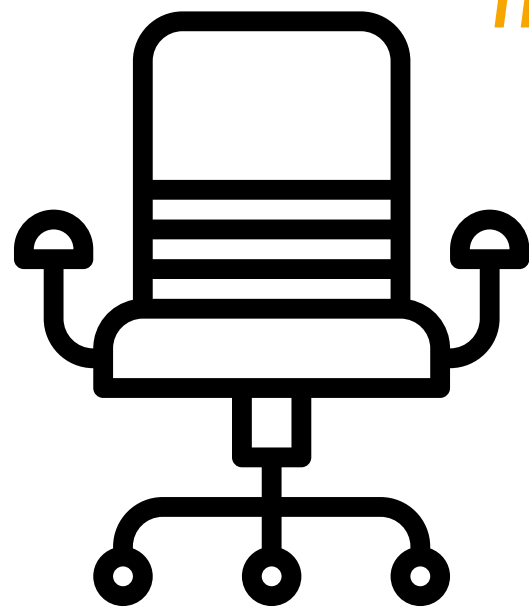
Inspirações

PROJETO JUVENTUDES E DIVERSIDADE

O projeto Juventudes e Diversidades, na sua 2ª edição, tem como objetivo contribuir para que as juventudes LGBTQIAPN+, residentes no município de Campinas, apropriem-se de seus direitos, articulem-se socialmente com coletivos e movimentos sociais organizados que lutam pela diversidade, bem como sejam identificadas e atendidas pela Rede de Proteção e Garantia de Direitos de Campinas de forma digna, humanizada e qualificada. O projeto é voltado a pessoas com idade entre 15 e 29 anos que se entendam parte da população LGBTQIAPN+, estando ou não inseridas em serviços, equipamentos ou políticas públicas nas 5 regiões do município de Campinas, priorizando juventudes residentes das Regiões de Vulnerabilidade Social (REVS) delimitadas pelo Núcleo de Inteligência Social - NIS, da Fundação FEAC, idealizadora do projeto. Além disso, considerando as dificuldades de acesso das juventudes LGBTQIAPN+ aos serviços, seja pela invisibilização e marginalização dessa população, seja pela ausência de informação e apropriação de seus direitos, o projeto fortalece os profissionais que atuam na rede de serviços das políticas públicas com atuação de sensibilização e formação para que possam, enquanto agentes de proteção e garantia de direitos destas juventudes, realizar atendimento de forma qualificada, repensando práticas e adequando instrumentais, documentos e sistemas usados nos serviços da rede para inclusão efetiva da população LGBTQIAPN+.



3 O ISP E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA *INSIGHTS*



A TRANSFORMAÇÃO DO ISP PEDE O FORTALECIMENTO DE LIDERANÇAS FEMININAS NEGRAS ATUANDO NOS INSTITUTOS E FUNDAÇÕES QUE ATUAM COM JUVENTUDES

Quando olhamos para dentro das organizações investidoras, constatamos que ainda estamos distantes de celebrar a diversidade com uma lente de equidade, pois as pessoas mais afetadas pelas desigualdades não ocupam os espaços para serem os agentes da transformação necessária. Segundo o Censo GIFE 2022, essa realidade é mais contundente nas organizações empresariais e familiares do que nas independentes, sendo que estas não dependem financeiramente de uma fonte exclusiva ou majoritária, nem têm sua governança vinculada a uma família ou empresa.

É baixa a representatividade feminina negra nos conselhos deliberativos das organizações de ISP e, apesar da insuficiência de dados, a pluralidade de gênero e raça também não acontece em posições responsáveis por decisões estratégicas.

A diversidade como pauta está presente nas organizações investidoras, no entanto, é incipiente a busca de perfis de profissionais e decisores mais representativos da população brasileira e mais assertivo em relação às parcelas mais afetadas pelas desigualdades.

Seria esse um dos fatores determinantes da menor capacidade de impacto estrutural do ISP junto aos jovens e ao território?

Inspirações

INSTITUTO PACTUÁ

O lema do Instituto Pactuá é “um pacto e um ato pela diversidade racial”. Formado por um grupo de executivos negros, o Pactuá assumiu como objetivo induzir a diversidade racial nas organizações, em especial nas posições de liderança. Os pilares de atuação são a mentoria gratuita para esses profissionais; a educação executiva, promovendo vagas sem custo, em parceria com instituições de ensino superior e empresas; e, por fim, o pilar de inspiração e conexão, entendendo a necessidade de fortalecer o relacionamento de pessoas negras, que não costumam fazer parte do círculo de confiança que define as posições de alta gestão nas empresas. Em relação ao quadro de profissionais, o Instituto trabalha com um balanço equitativo de gênero tanto no seu conselho, como na presidência, direção e demais posições.



GLOSSÁRIO

Conselho deliberativo

É um espaço institucional de expressão do poder nas organizações. Configuram-se como instâncias decisórias relevantes para as organizações do ISP, na medida em que são o principal órgão do sistema de governança, estando entre suas atribuições: deliberar sobre políticas de governança; construir e zelar pelo direcionamento estratégico da organização; discutir,

aprovar e monitorar o orçamento da organização e sua execução; e, a depender das definições estatutárias, decidir sobre o processo sucessório de conselheiros. Os conselheiros podem ser internos (parte da estrutura da organização), externos (não pertencem à organização, mas mantém algum vínculo com ela) ou independentes (sem vínculo com a organização). [Censo GIFE 2022-2023]



4 O ISP E OS RECURSOS EVIDÊNCIAS

Analisar de onde vêm os recursos e para onde está sendo destinado revela um dos aspectos com maior potencial de inovação no ISP. As fontes de recursos para o ISP em juventudes podem e precisam ser ampliadas, mas para além disso, é oportuno expandir a abertura ao risco nas iniciativas ou doações de organizações investidoras, de modo a permitir maior aprendizagem e inovação, necessárias diante da complexidade de aprimorar a estratégia para alcançar juventudes com marcadores sociais desafiadores. Em relação ao destino, as práticas atuais de financiamento têm resultado em burocratização excessiva do acesso e uso dos recursos, além da priorização de soluções de baixo risco. Isso tudo, termina por deixar de fora as abordagens sistêmicas para as trajetórias juvenis e, sobretudo, deixam de fora as soluções propostas por pessoas negras e periféricas.

A CHAMADA
“lógica da
desconfiança”
(EXCESSO DE CONTROLE, POUCA FLEXIBILIDADE, BAIXA TOLERÂNCIA AO RISCO, FALTA DE VISÃO DAS CAPACIDADES LOCAIS)
limita os
investimentos
ESTRATÉGICOS E EQUITATIVOS. [E]

Sejam eles destinados a iniciativas próprias ou para terceiros, os recursos do ISP alcançam pouca equidade

■ As O investimento de recursos para iniciativas próprias é o principal tipo de alocação orçamentária no ISP, em especial, nas organizações que investem acima de 50 milhões anuais. [c]

■ As organizações que estão na faixa intermediária de investimento, de 10 a 50 milhões, têm como principal alocação orçamentária o apoio a organizações terceiras. [c]

■ Enquanto que 48% das organizações periféricas sobrevivem com doações de pessoas do próprio território. 32% são financiadas também por editais e apenas 8% por organizações filantrópicas. [b]

Poucos investidores se comprometem com maior inovação e equidade nas abordagens.

▪ Em geral, institutos e fundações estão vinculados a financiadores que impõem restrições e expectativas que desencorajam abordagens inovadoras. [f]

▪ **81% do ISP atual não possui políticas** para promover a **mudança** no perfil de seus **conselhos**. [c]

▪ As abordagens mais inovadoras se destacam por uma atuação mais colaborativa, lideranças diversificadas, com grande parte dos recursos geridos por pessoas não-brancas. Isso se traduz em maior foco em justiça racial e equidade. [e]

Os investidores priorizam soluções e pessoas que são parte de um “círculo de confiança” restrito.

▪ As organizações que apoiam projetos de terceiros usam como critério “confiabilidade e transparência da OSC ou de suas lideranças”. [c]

▪ Quando se trata do investimento em projetos próprios, não encontramos dados suficientes para compreender como e para quem destinam recursos.

▪ No entanto, as pessoas e organizações periféricas dificilmente pertencem aos círculos de confiança, tornando os recursos centralizados. [b]

Somos um país com um ISP consolidado, mas que quer ser mais estratégico.

O investimento de recursos para periferias é de baixa qualidade: de curto prazo, sem fortalecimento das pessoas, pouco flexível e irreal nas expectativas de impacto.

▪ 46% das iniciativas em periferias atuam com menos de 5.000 reais/ano. Em 58% dessas organizações, todos são voluntários. 92% das lideranças dessas organizações possuem outro emprego. [b]

▪ As barreiras revelam a baixa qualidade do financiamento: 51% das organizações periféricas, quando acessam editais, possuem até um ano para executar o orçamento; a remuneração da equipe é insuficiente (71,9%); a burocracia na

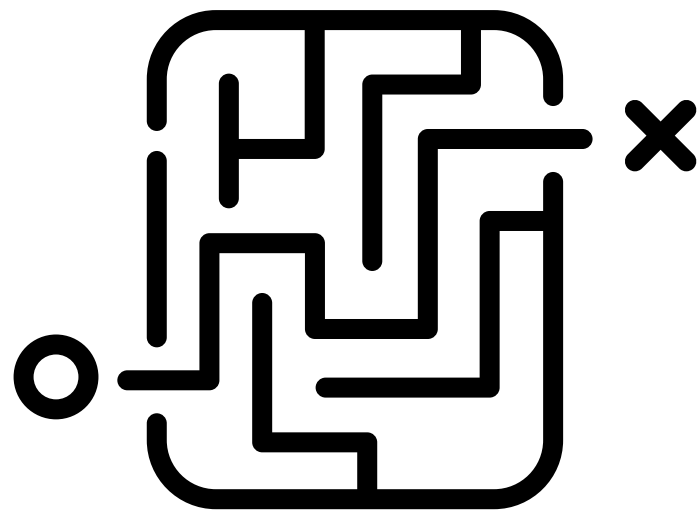
prestação de contas é alta (59,6%); sentem falta de conhecimento em gestão financeira e de projetos (59,2%); o recurso não oferece flexibilidade para a execução (58,9%); e o valor do financiamento não condiz com o impacto esperado (56,5%). [a]

SAIBA MAIS

[a] Guia das periferias para doadores ▪ [b] Periferias e filantropia ▪ [c] Censo GIFE 2022/2023
▪ [d] Mapeamento do IS nas juventudes ▪ [e] Tendências para a filantropia ▪ [f] O futuro da filantropia no Brasil



4 O ISP E OS RECURSOS *INSIGHTS*



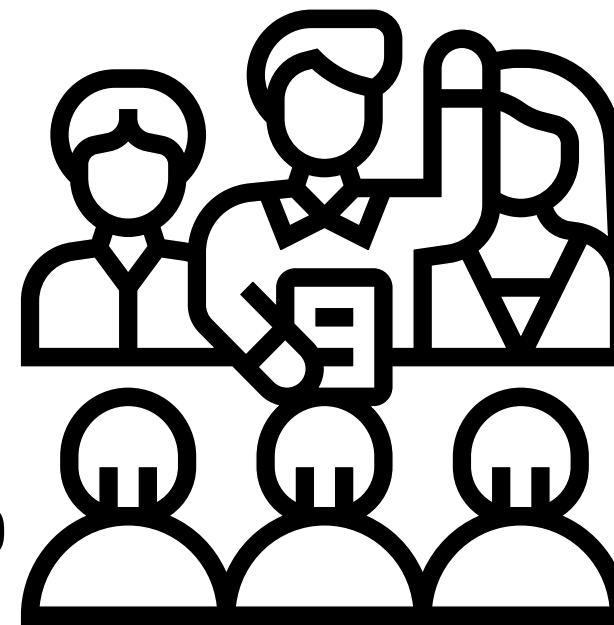
**AS JUVENTUDES
PEDEM NOVOS
MODELOS DE ISP
PARA FAVORECER
UMA ABORDAGEM
MAIS ÁGIL, MENOS
BUROCRÁTICA,
MAIS ESCALÁVEL E
COM IMPACTO EM
EQUIDADE**

Esses novos modelos envolvem atuar para além dos interesses institucionais, numa abordagem que privilegie coalizões com outras organizações investidoras, somando esforços em torno de objetivos comuns para abordar problemas de maior escala e complexidade. Além de compartilhar recursos e estratégias, é mais possível dividir riscos operacionais e políticos, além de impulsionar conhecimentos entre os parceiros. A colaboração se destina, ainda, a entender profundamente o sistema que participa nas múltiplas frentes do problema e o papel dos interessados nas soluções e envolvendo desde os jovens e seus territórios até pesquisadores, implementadores e agentes governamentais.

Nesses novos modelos, a diferença no direcionamento de capital está na criação de dispositivos de corresponsabilidade que permitam a diversificação de parceiros, com maior confiança, menor controle e mais posturas afirmativas na seleção das parcerias, na utilização dos recursos, na avaliação, no monitoramento e na prestação de contas.

A DEMOCRATIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO DO ACESSO AOS RECURSOS COMEÇA PELA PLURALIDADE DE EQUIPES, LIDERANÇAS E CONSELHOS DAS ORGANIZAÇÕES INVESTIDORAS

O ISP é fundado, em parte, no reconhecimento das contradições que permitem que indivíduos e organizações acumulem riqueza, por vezes, comprometendo outros e o meio ambiente. No entanto, devolver parte desse privilégio, por meio de iniciativas ou doações não tem sido suficiente. Há uma disparidade de poder entre quem administra os recursos e as prioridades de quem está na outra ponta – nesse caso os jovens e territórios periféricos –, que não participam das decisões. O diálogo autêntico do ISP com as juventudes e as periferias nasce da valorização dos diferentes conhecimentos, experiências e aprendizados que somente eles possuem. Ainda temos muito o que aprender para fazer das vagas afirmativas para pessoas pretas, pardas, indígenas e periféricas, o primeiro passo de programas que garantam a permanência e progressão dessas pessoas nos quadros e nas posições de liderança das organizações investidoras, com voz ativa e poder de decisão.



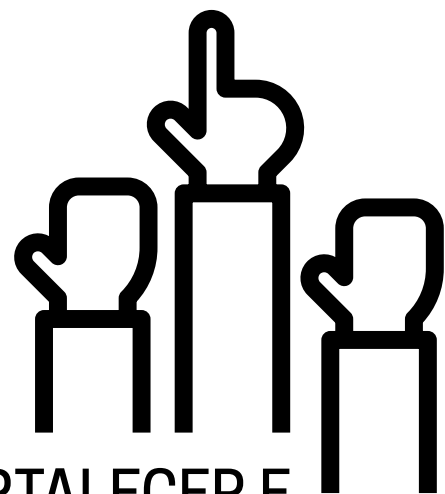
Inspirações

INICIATIVA PIPA

Uma das inspirações para o Guia ISPJ veio da Pipa, uma iniciativa para ajudar a democratizar o acesso ao investimento social privado no Brasil, atuando como uma ponte efetiva de conexão entre financiadores e coletivos, movimentos e organizações de base favelada e periférica. Sua atuação envolve a produção de diagnósticos e ferramentas para fazer com que esses recursos cheguem nas favelas e periferias brasileiras, aliados a uma agenda de sensibilização junto a atores estratégicos do campo para impulsionar a mudança da cultura de financiamento.



4 O ISP E OS RECURSOS INSIGHTS



É CRUCIAL FORTALECER E DESENVOLVER AS JUVENTUDES E ORGANIZAÇÕES PERIFÉRICAS, COMO CONDIÇÃO PARA REDEFINIR AS DINÂMICAS DE PODER NO ISP

Se os investidores sociais se propõem a superar a fragmentação, o imediatismo e a reprodução de mecanismos ineficazes na definição de recursos é urgente investir no fortalecimento das organizações, de coletivos e lideranças jovens periféricos. Além de priorizar o financiamento direto das periferias, no sentido de desenvolver o território como um todo – com iniciativas e políticas que contribuam para a promoção de serviços e cadeias produtivas locais – é preciso fortalecer as pessoas periféricas que estão na linha de frente do enfrentamento das desigualdades sociais, tomando-as como os principais interlocutores para a tão necessária transformação social.

As juventudes são parte central do fortalecimento de vozes e atores periféricos. Por isso, um dos caminhos a serem explorados é criar condições protegidas para que lideranças juvenis tenham representação em conselhos e outras instâncias decisórias nas organizações investidoras. Monitorar e disseminar boas práticas da inclusão de jovens em conselhos é um caminho para aprimorar e consolidar essa posição.

Inspirações

FUNDO TERRITÓRIOS TRANSFORMADORES

Como ampliar, descentralizar e desburocratizar os recursos do ISP? Um dos caminhos pode ser visto no Fundo Territórios Transformadores (FTT), voltado a ampliar o impacto de quem forma jovens para profissões de futuro nas periferias e fortalecer o ecossistema de organizações territoriais que atuam com a inclusão produtiva de jovens. O FTT proporciona a organizações sociais e governamentais das zonas leste e sul de São Paulo subsídio financeiro, incentivo a novas parcerias e conexões, compartilhamento de conhecimento e acesso a especialistas, com acompanhamento do número de jovens formados e o progresso após as formações (acesso à renda). É uma das iniciativas do Juventudes Potentes, uma aliança para promover a inclusão produtiva de jovens na cidade de São Paulo articulada pela United Way Brasil em parceria com o Instituto Aspen e coordenada por um grupo gestor, além de lideranças de mais de 80 instituições relevantes do ecossistema.

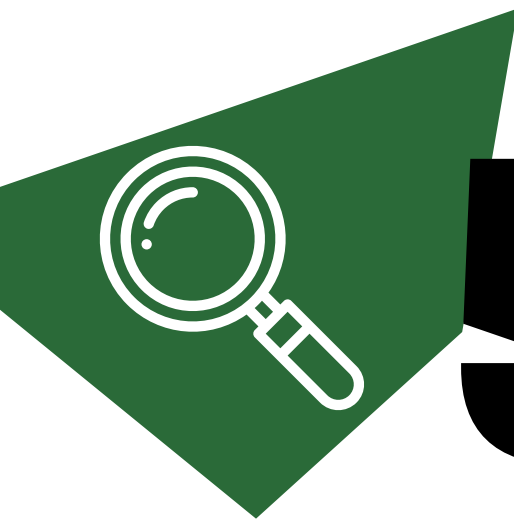


GLOSSÁRIO

Dispositivos de corresponsabilidade

São mecanismos e práticas que promovem um relacionamento mais equilibrado, colaborativo e transparente entre investidores sociais e as organizações sociais, comunidades ou indivíduos com quem se relacionam como parceiros no alcance de seus objetivos. Por exemplo, posturas afirmativas na seleção de parceiros, governança

compartilhada que permita decisões estratégicas conjuntas, fortalecimento de capacidades e autonomia locais, metas compartilhadas que tragam alinhamento e compromisso mútuo pelos resultados, monitoramento participativo, planejamento de sustentabilidade para que as soluções possam seguir após o término do financiamento.



5 O ISP E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EVIDÊNCIAS

A abordagem sistêmica das questões juvenis requer corresponsabilidade entre o ISP e o poder público, sendo este o principal responsável por consolidar os direitos das juventudes, especialmente, na superação das desigualdades sociais. Temos, hoje, um Estatuto da Juventude (EJ) que, apesar de fundamental como legislação, ainda não se materializa em termos concretos os direitos efetivos às pessoas jovens. Nesse contexto, entre as diversas formas de buscar articulação com Políticas Públicas de Juventude, o ISP pode usar seu capital político para mobilizar agentes estratégicos em favor da priorização das juventudes na agenda pública.

Somos um país que não prioriza políticas para as juventudes.

NÃO FOMOS CAPAZES DE UM ESFORÇO POLÍTICO PARA A AFIRMAÇÃO DO LUGAR DAS **juventudes** COMO **prioridade** NAS POLÍTICAS SOCIAIS.

As políticas públicas estão na agenda estratégica do ISP, mas não há nelas priorização das juventudes

■ 27% das organizações da Rede Temática de Juventudes do GIFE não se articulam com o poder público. [d]

■ 81% das organizações investidoras associadas ao GIFE mantêm estratégias de alinhamento com políticas públicas. Dentre elas, 8 em cada 10 manifestar haver dificuldades nessa aproximação. [c]

■ As estratégias de aproximação mais comuns são: usar políticas públicas como referência para iniciativas próprias ou de terceiros (67%); produzir conhecimento para auxílio à gestão ou elaboração de políticas (55%); disseminar políticas e dados públicos (51%); formar gestores ou servidores públicos (43%); fazer advocacy (41%). [c]

Os laços do ISP com o poder público requerem um equilíbrio cuidadoso.

▪ Na visão do ISP, **existem barreiras para colaboração com o setor público**, sobre: o funcionamento do poder público; a descontinuidade política dos programas e das parcerias; burocracia; dificuldade de incorporar inovações; falta de transparência ou abertura a colaboração. [c]

▪ **As ressalvas para a participação do ISP no campo público também são necessárias**, em

especial, quando as contribuições dos investidores sociais são percebidas como ingerência, substituição do Estado ou ameaça ao caráter público das políticas, comprometendo a equidade, a transparência e a responsabilidade do governo em prover serviços essenciais a todos os cidadãos.

As juventudes são invisibilizadas na formulação e no monitoramento das políticas que as afetam.

▪ **As juventudes brasileiras são invisibilizadas nas políticas e programas sociais** e este cenário tem se agravado. [a]

▪ **Desde 2013**, quando foi sancionado o Estatuto da Juventude, houve uma **queda de 84,2% nos recursos para o CONJUVE** (Conselho Nacional de Juventude). [a]

▪ Nos anos de 2020 e 2021 há uma **queda de cerca 50% no número de iniciativas federais** voltadas às juventudes. [a]

▪ O recorte abrangente **dos 15 aos 29 anos deve ser observado em todas as políticas transversais**. Infelizmente é comum que fiquem restritas ao recorte de 15 a 17 anos somente. [a]

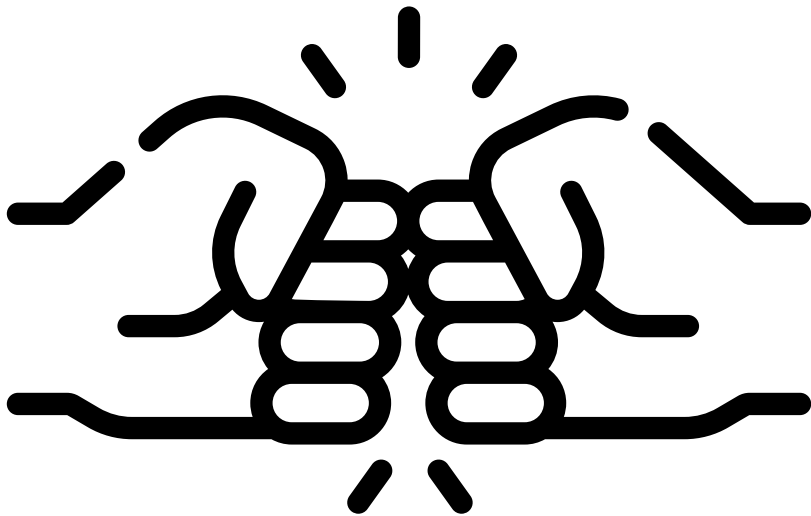
▪ Pesquisas mostram que **há interesse dos jovens em participar na esfera política**, mas eles desconfiam dos canais e formas tradicionais de fazer política. [b]

+ SAIBA MAIS

[a] Cadê as juventudes na política pública federal ▪ [b] Atlas da Juventude ▪ [c] Censo GIFE 2022/2023 ▪ [d] Mapeamento do IS nas juventudes ▪ [e] Consequências da violação do direito à educação ▪ [f] Laboratório de inclusão produtiva das juventudes



O ISP E AS POLÍTICAS PUBLICAS *INSIGHTS*



POR UM ISP CONECTADO
DE FORMA AUTÊNTICA
E CORRESPONSÁVEL
COM O FORTALECIMENTO
DE ORGANIZAÇÕES E
AGENTES PÚBLICOS

Existem vários caminhos relevantes de contribuição do ISP com políticas públicas, de forma complementar e convergente à ação do Estado. Um deles é por meio da valorização e do fortalecimento de capacidades de agentes e órgãos públicos para cumprir as suas missões constitucionais, aprimorando a competência, a eficiência e a eficácia das instituições governamentais e de servidores públicos para que possam cumprir melhor suas funções e responsabilidades.

Isso inclui a capacidade de formular, implementar e monitorar políticas públicas, gerenciar recursos públicos e fornecer serviços de maneira eficiente e equitativa, além da capacidade de responder a crises e desafios emergentes de forma ágil e eficiente.

Para que o ISP possa trazer inovação e recursos adicionais para o fortalecimento de capacidades estatais, é essencial que sua atuação seja bem regulada e alinhada com as políticas públicas. Isso inclui uma governança robusta, transparência, e uma clara distinção entre as responsabilidades do setor público e privado para garantir que os benefícios do ISP sejam distribuídos de forma equitativa e sustentável.

Inspirações

POLÍTICA PÚBLICA “PÉ DE MEIA”

Por que as jovens de 15 a 21 anos desistem de estudar após o Ensino Fundamental? E porque o Pé de Meia, programa do governo federal que acertadamente pagará uma bolsa de estudos a jovens vulneráveis matriculados no ensino médio público, está deixando uma parcela das juventudes para trás? Segundo a última Pnad Contínua, para cada 10 mulheres, 2 interrompem por precisar trabalhar, outras 2 por não ter interesse, mas outras 4 delas param de estudar por questões de gênero: gravidez ou afazeres domésticos. O retrato é diferente quando se trata dos jovens de 15 a 21 anos. Em cada 10 jovens homens, 5 param para trabalhar e 3 por falta de interesse. Segundo a pesquisadora Laura Machado, o Pé de Meia vai em direção à necessidade de renda dos 50% de homens jovens e 20% de jovens mulheres que evadiram o Ensino Médio para trabalhar. Mas não vai incidir, necessariamente, sobre as questões de gênero que afastam as jovens da escola. Se analisássemos as motivações juvenis com recorte de raça e territorial, outras interseccionalidades estariam presentes e, talvez, ainda não contempladas no principal programa de inclusão juvenil da atualidade.

SUSTENTABILIDADE E ESCALA COMO MOTIVADORES DE LAÇOS COM POLÍTICAS PÚBLICAS

A sustentabilidade de iniciativas financiadas pelo ISP pode ser questionada, especialmente se os investimentos não forem integrados à defesa de políticas públicas mais amplas ou se não houver um plano claro para a continuidade após o término dos fundos privados. No entanto, nem todas as iniciativas de ISP podem ser replicadas em escala universal ou mesmo ser expandidas para além dos contextos ou regiões onde foram desenvolvidas. Ainda assim, o ISP pode ser um catalisador para inovação no setor público, oferecendo novas ideias, flexibilidade na implementação, e um foco rigoroso em resultados e impacto. Para maximizar esses benefícios, é fundamental que o ISP opere em harmonia com as políticas públicas existentes e com uma transparência que assegure que suas ações complementem, sem jamais substituir o papel do governo.



GLOSSÁRIO

Advocacy

Termo utilizado para o ato de promover, defender ou argumentar em favor de uma causa, ideia, política ou grupo. Refere-se a uma série de atividades realizadas para influenciar decisões políticas, econômicas e sociais, geralmente

com o objetivo de alcançar mudanças em áreas específicas. É uma ferramenta poderosa para promover mudanças sociais e políticas, especialmente em contextos onde as vozes de certos grupos podem não ser ouvidas ou consideradas.



5

O ISP E AS POLÍTICAS PUBLICAS *INSIGHTS*

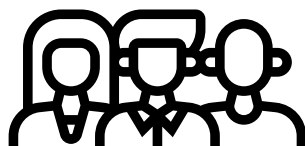
Inspirações

LABORATÓRIO DE INCLUSÃO PRODUTIVA DAS JUVENTUDES (LINC)

Com a missão de apoiar, mobilizar e incentivar o desenvolvimento de políticas públicas que tenham como foco a preparação de jovens de 14 a 29 anos para se inserirem de forma qualificada no mundo do trabalho, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Centro de Desenvolvimento da Gestão Pública e Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV DGPE), o Instituto Unibanco e o Itaú Educação e Trabalho fundaram, recentemente, o Laboratório de Inclusão Produtiva das Juventudes (LINC). O Laboratório atuará a partir dos seguintes eixos: comunicação e engajamento; mapeamento de boas práticas; formação; reconhecimento; organização e produção de conhecimento acadêmico; apoio técnico e monitoramento. Dentro desses eixos, a atuação do LINC tem os seguintes objetivos:

- fomentar o avanço de uma agenda nacional para a inclusão produtiva de jovens; reunir esforços intersetoriais de atores governamentais e não-governamentais em torno dessa agenda;
- apoiar o poder público, especialmente os Estados, na implementação ou aprimoramento de políticas públicas para as juventudes;
- mapear, divulgar e incentivar boas práticas;
- fomentar e produzir conhecimento acadêmico e empírico na temática;
- reconhecer e incentivar políticas públicas bem-sucedidas sobre inclusão produtiva de jovens;

Desde já, vale conhecer o Manifesto pela Inclusão Produtiva de Jovens no Brasil.



O ISP ATUANDO NO ADVOCACY PELA PRIORIZAÇÃO DAS JUVENTUDES NA AGENDA PÚBLICA

Mais que uma tendência, vivemos um chamado ao ISP para atuar no âmbito da incidência política e do *advocacy*, de modo que organizações investidoras e empresários usem seu capital político em favor daqueles que não têm essa possibilidade, seja financiando iniciativas de *advocacy* ou engajando-se na mobilização de decisores públicos por uma política de juventude nacional intersetorial e interfederativa, envolvendo a voz ativa de jovens. Ao mesmo tempo, é necessário atuar na outra ponta, preparando jovens para participar da formulação e monitoramento de políticas públicas, com poder de decisão e fomento à participação como protagonistas e lideranças para advogar em favor de seus direitos. É importante ainda, abrir espaços de participação e liderança para as juventudes mais expostas à violência e exclusão, que não costumam ter voz nas instâncias decisórias.

Inspirações

LEI DA APRENDIZAGEM

A Lei da Aprendizagem, regulamentada pela Lei nº 10.097/2000, exige que empresas de médio e grande porte contratem jovens entre 14 e 24 anos como aprendizes, integrando a formação teórica em instituições qualificadoras com a prática profissional nas empresas. O objetivo é inserir esses jovens no mercado de trabalho de forma segura e qualificada, alinhando a educação ao desenvolvimento profissional. Aproximadamente 68% dos jovens aprendizes conseguem empregos formais após participarem dos programas de aprendizagem. Se as empresas adotassem a cota máxima de 15% de aprendizes, poderiam ser criadas até 3 milhões de vagas adicionais para adolescentes e jovens. No entanto, o potencial de expansão da Lei da Aprendizagem pode ser limitado pelas barreiras enfrentadas pelos os jovens mais vulnerabilizados em suas experiências de vida. A pesquisa “Percepções e Expectativas do Jovem-Potência sobre a Lei da Aprendizagem”, realizada pelo Juventudes Potentes, United Way Brasil e o Lab&Tal, traz importantes alertas para reduzir a distância entre a Lei da Aprendizagem e os jovens mais vulnerabilizados, que hoje são os que menos acessam esse direito:

- As políticas públicas precisam levar em conta que muitos jovens conciliam estudo, trabalho e responsabilidades domésticas.
- O sucesso da aprendizagem não deve ser medido apenas pela contratação efetiva, mas pelo desenvolvimento pessoal e profissional do jovem.
- As empresas também devem se adaptar para acolher esses jovens. Embarcá-los de maneira eficaz, com acolhimento e feedbacks, é crucial para integrar e engajar o jovem na empresa.
- As instituições certificadoras precisam atualizar seus cursos para acompanhar as tendências de mercado e inovação. A articulação entre empresas e certificadoras também ajuda a ajustar os cursos ao mercado de trabalho e ao cumprimento das vagas.
- Por fim, oferecer pontos de referência como padrinhos e criar parcerias com organizações sociais locais pode melhorar a inserção de jovens vulneráveis nas empresas.

Inspirações

“CO.APRENDIZ” – SOLUÇÃO INOVADORA PARA A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

A “co.Aprendiz” é uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho (FRM), que conta com parceria do Ministério do Trabalho, OIT – Organização Internacional do Trabalho, UNICEF e Secretaria Nacional das Juventudes com o objetivo de fortalecer a política pública de aprendizagem profissional como estratégia de inclusão produtiva de jovens. Baseada no programa Aprendiz Legal!, a co.Aprendiz propõe uma solução completa e gratuita para pequenos e médios implementadores, com o objetivo de ampliar o acesso à aprendizagem profissional de qualidade em todo o Brasil. A iniciativa co.Aprendiz parte do princípio de que a aproximação com o mundo do trabalho deve acontecer de forma gradual, iniciando-se com diferentes estratégias de projeto de vida já nos anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, a proposta se estrutura em duas frentes principais: Aprendiz Legal!: Compartilhamento gratuito da solução Aprendiz Legal! com pequenos e médios implementadores de aprendizagem profissional, democratizando o acesso a uma metodologia de excelência com resultados comprovados a partir de um conjunto completo de recursos para a implementação do programa, incluindo: metodologia socioeducacional, formação de educadores, materiais didáticos, suporte técnico e pedagógico, monitoramento e avaliação. Pré-Aprendizagem: Oferta de um conjunto de circuitos de aprendizagem para entidades que trabalham com adolescentes e jovens a partir do Ensino Fundamental II, visando a construir oportunidades de realização pessoal, vida cidadã e produtiva, com acesso e permanência em trabalho decente. Os Circuitos de Aprendizagem são interdisciplinares, interativos, flexíveis e estimulam o uso de tecnologias e visam desenvolver habilidades essenciais como resolução de problemas, pensamento crítico, colaboração, adaptabilidade e criatividade, preparando os jovens para os desafios do mercado de trabalho.

POR ONDE
COMEÇAR A
INVESTIGAR,
APROFUNDAR
E TRANSFORMAR
SUA ORGANIZAÇÃO
NO INVESTIMENTO
EM JUVENTUDES
- QUADRO SÍNTESE



DIMENSÕES	PONTOS CRÍTICOS	PERGUNTAS PARA INVESTIGAÇÃO, APROFUNDAMENTO E TRANSFORMAÇÃO
1 EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS	BARREIRAS	Quais são as principais barreiras nas trajetórias das juventudes em favor de quem sua organização trabalha?
	EDUCAÇÃO BÁSICA	Quais juventudes ainda não estão sendo alcançadas nos esforços de sua organização para melhorar a educação básica?
	TRABALHO E RENDA	Quais juventudes ainda não estão sendo alcançadas nos esforços de sua organização para a inclusão produtiva e geração de renda?
	LENTE INTERSETORIAL	Como ampliar o olhar e a capacidade de resposta de sua organização em relação ao conjunto de direitos que asseguram experiências de vida menos desiguais aos jovens, para além da educação básica e do trabalho? Quais iniciativas nesse sentido podemos fortalecer? Ou com quais ações podemos aprender a fortalecer coalizões?
	PARTICIPAÇÃO JUVENIL	Como ampliar as oportunidades de participação autêntica das juventudes, em especial os jovens com marcadores sociais desafiadores, nas ações voltadas a eles (projetos, políticas)?

2 TERRITÓRIO	BARREIRAS	Quais são as principais barreiras para as em relação aos territórios onde vivem os jovens em favor de quem sua organização trabalha?
	ARTICULAÇÃO DE SETORES, ORGANIZAÇÕES E INICIATIVAS PERIFÉRICAS	O que sua organização faz para direcionar esforços na melhoria dos territórios onde atua como um todo, buscando articulação e sinergia entre os diferentes atores – públicos, da sociedade civil, da economia local e outras iniciativas periféricas? Quais iniciativas nesse sentido podemos fortalecer ou com quais ações podemos aprender a fortalecer coalizões?
	FORTELECIMENTO DA PERIFERIA	O que sua organização faz para o fortalecimento de coletivos, organizações e movimentos periféricos que criam soluções para e com juventudes, ainda que não estejam formalmente constituídos?
	REPRESENTATIVIDADE E PERTENCIMENTO	Como ampliar a representatividade das juventudes periféricas nos projetos, nos quadros e na liderança de sua organização? O pertencimento das juventudes ao território onde vivem é valorizado e incentivado, por exemplo, investindo no potencial econômico e nas iniciativas de jovens nos territórios?
3 DIVERSIDADE (GÊNERO/ RAÇA)	BARREIRAS	Quais são as principais barreiras relacionadas ao racismo e sexismo em relação às juventudes com quem sua organização trabalha?
	INTERSECCIONALIDADE	Como sua organização contribui para abordar e reduzir os impactos da interação e sobreposição de fatores de exclusão – como gênero, raça e território – na busca da equidade com e para juventudes?
	POLÍTICAS AFIRMATIVAS	Como ampliar representatividade e políticas de inclusão de juventudes, considerando gênero, raça e território, em sua organização?
4 RECURSOS	BARREIRAS	Quais são as principais barreiras de acesso aos recursos em sua organização, considerando os jovens com marcadores sociais mais desafiadores?
	AMPLIAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO	Como sua organização pode ampliar a distribuição de recursos nas iniciativas para e com juventudes, considerando regiões e territórios menos favorecidos, de modo que o investimento chegue aos jovens que mais precisam?
	DESBUROCRATIZAÇÃO	Como propor modelos de financiamento, monitoramentos e avaliações acessíveis, de modo que o investimento chegue aos jovens que mais precisam?
	PARTICIPAÇÃO NAS DECISÕES SOBRE RECURSOS	Como ampliar representatividade e participação de jovens nas decisões sobre os recursos nas organizações de ISP para e com juventudes, considerando gênero, raça e território?
5 POLÍTICAS PÚBLICAS	BARREIRAS	Quais são as principais barreiras de articulação de sua organização com políticas públicas?
	COMPOSIÇÃO COM O ESTADO	Quais são os caminhos que sua organização escolheu para composição do ISP com políticas públicas?
	INCIDÊNCIA EM POLÍTICAS DE JUVENTUDES	Como sua organização pode contribuir para o cumprimento e a efetividade, além de superar a fragmentação e descontinuidade das políticas de juventudes?
	PARTICIPAÇÃO JUVENIL	Como sua organização pode contribuir para ampliar a inclusão de jovens em espaços de incidência política para melhorar seus territórios?

- 1** O ISP e a experiência de vida dos jovens
- 2** O ISP e o território
- 3** O ISP e a diversidade de gênero e raça
- 4** O ISP e os recursos
- 5** O ISP e as políticas públicas



PELO IMPACTO DO INVESTIMENTO SOCIAL

Acesse gife.org.br